

SER NO MUNDO: O RECINTO CRIATIVO DA CORPOREIDADE NA GESTALT TERAPIA

Nívia Tórres Neves de Carvalho¹

Psicologia



**cadernos de
graduação**
ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Atualmente, existe um amplo corpo de literatura, de consistência metodológica, que visam as técnicas gestálticas para uma compreensão de mundo e de si mesmo. Esta pesquisa englobará tais técnicas, usando a corporeidade como lugar onde acomodará o vivido irrefletido, mas que possibilitará o encontro com o corpo do outro e, em consequência disso, a constituição de um corpo vivido e agora reflexivo, nomeado e conhecido. Este artigo objetiva-se, a partir do estudo de caso realizado em uma clínica escolar de psicologia, apresentar os benefícios da corporeidade e da Gestalt como potencializadoras de recursos cognitivos e, estimulantes do EU-CORPO-MUNDO, da criatividade e da vivência subjetiva no sujeito único e pertencedor de ajustamentos criativos, sujeito este que é corpo portador de problemas emocionais, fruto de um sistema de relações disfuncionais. Além disso, busca analisar o papel do Gestalt-terapeuta na compreensão dos fatos e daquilo que não se vê, mas que é composto de sensação e senciência. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em busca de dados, que assume um método qualitativo. A corporeidade em conjunto com a Gestalt cuida do ser na sua essência, integrando áreas básicas, funções egóicas e sociais, além da subjetividade. O indivíduo estrutura, com o corpo, uma compreensão de mundo e de si. Diante de todas as informações prestadas na construção do artigo, corpo integra uma totalidade de existência do ser-no-mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Corporeidade. Fisiologia Neurótica. Ajustamentos Criativos. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

Currently, there is a large body of literature, of methodological consistency, which aims at gestalt techniques for an understanding of the world and of itself. This research will encompass such techniques using corporeality as a place where it will accommodate the thoughtless life, but which will enable the encounter with the other's body and, as a result, the constitution of a lived and now reflexive body, named and known. This article aims, from the case study conducted in a school clinic of psychology, to present the benefits of corporeality and Gestalt as enhancers of cognitive resources and stimulating the I-BODY-WORLD, creativity and subjective experience in the world. unique subject belonging to creative adjustments, which is a body that has emotional problems, the result of a dysfunctional relationship system. In addition, it seeks to analyze the role of the Gestalt therapist in understanding the facts and the unseen, but which is composed of sensation and sentience. A bibliographic search for data was performed, which assumes a qualitative method. Corporeality together with Gestalt takes care of being in its essence, integrating basic areas, egoic and social functions, as well as subjectivity. The individual structures with his body an understanding of the world and of himself. Given all the information provided in the construction of the article, the body integrates a totality of being-in-the-world.

KEYWORDS

Corporeality. Neurotic physiology. Creative adjustments. Gestalt Therapy

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, existe um amplo corpo de literatura, de consistência metodológica, que visam as técnicas gestálticas baseadas na Fenomenologia de Merleau-Ponty para uma compreensão de mundo e de si mesmo e, usando a corporeidade pré-reflexiva como lugar onde acomodará o vivido irrefletido, mas que possibilitará o encontro com o corpo do outro e, em consequência disso, a constituição de um corpo vivido e agora reflexivo, nomeado e conhecido.

Este estudo objetiva apresentar os benefícios da corporeidade e da Gestalt como potencializadoras de recursos cognitivos, estimulantes do EU-CORPO-MUNDO, da criatividade e da vivência subjetiva, no sujeito que possui formas singulares de fazer seus ajustamentos criativos, sujeito este que é corpo e corpo este portador de problemas emocionais, fruto de um sistema de relações disfuncionais.

Este trabalho se baseou no estudo de caso da paciente J e a relação que possui com o eu-corpo-mundo diante das vivências já percorridas, na identidade do ser que nela habita e do convívio familiar que esteve e está inserida. Brandão (2017) salienta que o corpo está sempre envolvido nas interações entre o indivíduo, a fa-

mília e o meio, além de que expressa fluidez de contato, repercutida em campo de possibilidades que possibilitam atos corporais como recurso de viabilidade, autorregulação e via de evitação.

O corpo expõe um resumo temporal de experiências que se afiguram no presente, tendo como atravessamentos o passado e a perspectiva de futuro. Este é um processo de contato, daquilo experimentado entre a fronteira do organismo e o meio, ou seja, é onde a corporeidade entra em vigor no campo e possibilita o sentir, orientar e o movimentar para operar a situação, retomando o equilíbrio e a integração, assimilando a criatividade e novidade.

O que nossos corpos revelam de nós, ou o que emitimos por meio dos nossos corpos, são indagações que nem sempre foram objetos de questionamento, uma vez que o corpo, por muito tempo, foi encarado como uma associação de órgãos e sistemas que deveriam funcionar de determinado jeito, biologicamente aceita e tida como saudável para manter-nos vivos, e que seguindo este pensamento ele está separado da mente.

Ao corpo era destinada apenas funções fisiológicas e leis práticas, outrossim que o sujeito era visto de modo fragmentado, visão que ainda é base muitas práticas de cuidado. Porém, sabe-se hoje que além desse corpo exibido pelas ciências biológicas, o corpo é uma integração de afetos e emoções, que se entrelaçam aos processos fisiológicos, estabelecendo uma totalidade de existência (OLIVARES; CAMARGO; PIMENTEL; 2017).

A constante conexão no campo entre passado, presente e futuro é o que fundamenta a corporeidade, o contato e os ajustamentos criativos com o fim de autorregulação organísmica. Segundo Reis (2018), que seguiu o pensamento de corpo no íntimo da fenomenologia merleau-pontyana entrando na esfera dos ajustamentos criativos, é válido enfatizar sobre a autolesão. A autolesão é uma expressão do corpo fenomenal que se revela através das próprias cicatrizes, indicadoras de uma relação conflituosa com o mundo.

Tais lesões não só significam lesões, elas escondem por trás de si e de uma armadura o sofrimento que não encontra outra maneira de se externalizar. O corpo é mais que um objeto no mundo, é a comunicação com ele. Sendo assim, deve ser analisado o que tal indivíduo, na corporeidade que possui, quer comunicar.

Antony e Almeida (2018) enfatizam que o trabalho da compreensão gestáltica é fundamentado no que o terapeuta observa, sejam movimentos gestos, expressões, postura, o tema mais vivencial do sujeito e os temas que se repetem.

Além disso, como este sujeito se percebe e usa os mecanismos de evitação de contato. Se ele é curioso e explora o local terapêutico e faz perguntas ao terapeuta. Como reage às perguntas/ intervenções do terapeuta, aos limites e frustrações; além do grau de tolerância que possui. Como o sujeito se relaciona com o terapeuta, e qual o tipo de vínculo estabelecido com ele. Observar a linguagem e a maneira que se expressa etc. A intenção do terapeuta não é acabar com o sintoma de imediato, e sim ajudar o sujeito a construir outras formas mais adequadas de se relacionar com o mundo e si mesmo.

2 MÉTODO

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.2 O corpo dividido, o existencialismo e a fenomenologia

Antigamente, o sujeito vivia consoante ao princípio “mens sana in corpore sano” trecho em Latim elaborado por Juvenal na Sátira X, já possuía uma reflexão sobre o ideal do cuidado com o corpo. Já no período pré-socrático analisava-se a relação entre corpo e alma, tendo como base uma visão de corpo firmemente ligada à alma (VANASSI, 2017). Com o tempo, esta visão centrada com relação ao corpo começa a se transformar.

O principal guia desta evolução foi Platão com seu olhar idealista. No *Diálogo Fédon*, este grande filósofo criou o conceito de corpo como prisioneiro da alma, o visceral e o carnal que nos distanciam da pesquisa pela veracidade. Este pensamento platônico refletiu nas ideias filosóficas posteriores da contemporaneidade, assim como na revolução científica. No decorrer do tempo, René Descartes pronunciou-se com uma ideia de semelhança sujeito-objeto, como alicerce para o conhecer-se e ser conhecido.

No pensamento cartesiano de René, o questionamento foi sendo fundamentado pela existência, onde o pensamento humano é a singular certeza do mundo enquanto os outros artifícios são singelas ilusões da percepção (SANTOS; NOVA, 2015). De acordo com Vanassi (2017), chegado o século XX ou período contemporâneo, os filósofos e estudiosos começaram a ter uma visão ampliada sobre o corpo, ou melhor, o foco a partir de então começou a ser na subjetividade e na construção dela.

A contemporaneidade começou a considerar o corpo como sustento das experiências do sujeito, não mais exclusivamente como simples utensílio da razão. Husserl foi um dos primeiros a defender e questionar a ciência que se preocupou tanto em analisar os acontecimentos e, por conta disso, findou abstraindo a subjetividade humana.

Assim sendo, ele buscou a influência da filosofia moderna e procurar novos métodos para adequar a Filosofia ao subjetivo, porém, buscando maneiras que não seguiram o modelo cientificista e conseqüentemente não se igualar ao pensamento de Descartes e Kant. Para que isso não acontecesse, seria necessário criar um método bastante autêntico e filosófico, foi assim que surgiu o método da fenomenologia transcendental.

De acordo com Husserl, a fenomenologia pesquisa os acontecimentos da consciência, ou melhor, os elementos existentes em nosso pensamento. Para ele, o criador da fenomenologia transcendental, toda a ciência que podemos conter do mundo sintetiza-se aos fenômenos denominados também de experiências ou vivências (SANTOS; NOVA, 2015).

Todavia, por mais que Husserl tenha abdicado seu estudo na mente, ele salienta a importância da matéria na construção do conhecimento, ou seja, a princípio ele não ausentou o idealismo, pois para ele era possível espaçar a consciência dos artifícios externos (VANASSI, 2017). Por conta disso, foi muito criticado por Merleau-Ponty, que discordava do ponto de vista idealista do filósofo supracitado. É neste caminhar

que Husserl assegura em seus estudos a consciência, sendo sempre a consciência de algo e que, nesse viés, a essência da consciência se distingue-se com base no caráter intencional que possui (SANTOS; NOVA, 2015).

Baseado em Merleau-Ponty e a visão perceptiva que possui, ele afirma que o arcabouço da essência é a fenomenologia e, que todos os problemas podem ser estudados por ela. Para ele, assim como a fenomenologia é o estudo da essência que envolve percepção e consciência, também é uma filosofia que alimenta a essência da existência, que acredita na compreensão do sujeito e do mundo de uma maneira diferente, a partir da facticidade que ambos possuem e da relação que existe entre si de forma genuína, do contato entre o ser-no-mundo (SANTOS; NOVA, 2015).

Assim, é válido ressaltar que este filósofo e teórico brota novos conceitos e rasga o idealismo ainda embaraçado em Husserl. Ao fazer isto, ele constrói uma forma de pensar nos frutos fenomenológicos alicerçados na experiência empírica, onde há uma recuperação do contato com o mundo por meio da percepção.

Para Merleau-Ponty, a consciência, sempre enquanto menção a um elemento, é o estar-no-mundo (VANISSI, 2017). O corpo tomará um lugar especial na filosofia merleau-pontiana, já que diante dos conceitos de Ponty, é a nossa visão de mundo, nosso ponto de vista, a condução pela qual estabelecemos participação e tomamos como chave da percepção. O corpo e não mais uma consciência transcendental constituinte como início das pesquisas realizadas pelo filósofo supracitado, será o responsável por ordenar aquilo que é perceptivo e outrora a consciência perceptiva que habita e “vive nas coisas” (SANTOS; NOVA, 2015).

É válido afirmar que é justamente porque ser objeto que ele pode ser considerado como algo integrante do mundo, mas, o que distingue a opinião de corpo de Merleau-Ponty da opinião adotada pela ciência clássica, é que ultrapassa a teoria puramente materialista-biologista do corpo humano, sempre se referindo não como um objeto físico e biológico, mas como parte integrante da estrutura subjetiva do sujeito, enquanto a ciência forma um conceito fechado, tendo como base o funcionamento fisiológico. Para ele, o corpo é aparição, por meio do externo ou do que é aparente, de um certo estilo de ser-no-mundo (VANISSI, 2017).

2.1.3 O corpo, a sensação e senciência como terapêutica gestáltica e criativa

Até mesmo na antiguidade, partindo dos pressupostos de Santos e Nova (2015), como foi citado anteriormente, já reconhecia que funções vegetativas, sensação e motricidade são congêneres em prática. O mundo social, intersubjetivo e intercorporal está presente em mim, no outro e nas coisas. Isto é, o corpo sendo um todo formado por pele, músculos, órgãos, sangue forças instintivas, energia, crença, valores e ancestralidade, é meu e do mundo.

Ser sujeito é ter consciência de sua própria existência como sensível e senciente. O ser-no-mundo para Ponty é fundamentalmente corporificado e conectado, pois é constituído do contato com o outro e com os objetos; é um indivíduo subjetivo que abraça o mundo, numa conexão pré-reflexiva e pré-objetiva, enquanto o mundo é uma unificação de liberdade na qual estamos instalados.

Por mais que seja importante o sujeito perceber o mundo para ser possível ver e surgir o ser que nele habita, sem ele como fundo nada seria viável. É uma relação, entre olhar o mundo, tocar os objetos e sentir-se tocado, olhado por eles e por outros. É uma correlação entre corpo senciante-sensível, tocante-tocado, vidente-visível. Existir e possuir subjetividade é diferente e ao mesmo tempo semelhante à minha existência como corpo e de mundo, pois, o indivíduo que somos é unificado do corpo-aqui e do mundo-aqui, formando o ser-no-mundo citado nos parágrafos anteriores a este. A fala, a expressão artística e os gestos têm uma intencionalidade única, é um jeito de estar e atuar (REIS, 2018).

A arte é um utensílio que estimula o sujeito a sentir e deliberar seus pensamentos, sentimentos e condutas, os quais em momentos transitórios de inspiração, transpassam os limites da expressão verbal consciente, precisando de um meio de expressão menos cognitivo, mais vivencial, ou seja, mais subjetivo. O artista, como técnico das suas formas de expressão, torna estético elementos compostos por pensamentos e sentimentos.

Atividades expressivas e criativas são extremamente importantes para a prevenção e promoção da saúde nas diferentes formas. A corporeidade do indivíduo acarreta um processo mais vivencial e subjetivo do que verbal, abrindo muitas possibilidades de experimentação e encontro por meio das artes, não importa idade, gênero, condição sociocultural, econômica ou de saúde (OLIVARES; CAMARGO; PIMENTEL, 2017).

Com base nas autoras citadas, por meio do nosso contato com o objeto é que reaprendemos a sentir nosso corpo e reencontramos nossa corporeidade quando acordamos a experiência do mundo por motivo de sermos/estarmos no mundo. Em contato com o nosso corpo também nos reencontramos, já que, como uma folha de árvore, temos a representatividade de dois lados, um que significa objeto em forma e expressão, outra aquilo que as vê e toca. O corpo não é somente o que possuo, que é meu e biológico, mas também algo que vivo, que uso como transporte da minha experiência subjetiva. A experiência subjetiva de mundo é sensorial e, todo conhecimento se fundamenta e nasce a partir do contato com as coisas, contato este que precisa da sensação como subsídio para estruturar a consciência (PEREIRA, 2018).

Alguns autores, principalmente da Gestalt e da Psicanálise, há anos já pautavam como defesa que o nosso corpo não pode ser considerado exclusivamente como algo que interliga os dados para a consciência, pois há sempre um sujeito experimentando essa percepção, sujeito este com subjetividade, personalidade e autenticidade de perceber algo, dentro do mundo (REIS, 2018).

Desse modo, é necessário analisar a corporeidade como fruto principal da existência e, considerando não só a dimensão física, mas também a vitalidade corporal, a condição organísmica e a natureza como fonte de totalidade e vitalidade. Se somos seres-no-mundo, isso quer dizer que sendo essencialmente corporificados, incorporados, habitados, precisamos estar sintonizados e identificados ao nosso corpo e ao mundo (VANISSI, 2017).

De acordo com Reis (2018), a Gestalt-terapia entende o existir como dinâmica temporal permitida no encontro ser-mundo. É antes de tudo um estilo de vida; a

relação com o mundo e a obtenção do contato autêntico com o outro na excentricidade, sem preconceitos de qualquer diretriz. Expressa o mais profundo posicionamento contra qualquer arquétipo de separação, no instante em que se posiciona à uma consciência de que separar pessoa-mundo não liberta o ser ao lídimo sentido do encontro, e, assim sendo, ao humanismo, à uma visão holística do mundo. Esta abordagem vai além da teoria, ela pretende ser procedimento e metodologia de trabalho, tendo como procedimento básico o resgate e a descrição do ser (OLIVARES; CAMARGO; PIMENTEL, 2017).

2.1.4 O contato, a automutilação e a fisiologia neurótica do corpo-no-mundo

Antes de falar sobre a fisiologia neurótica, é importante abordar o que a teoria Organísmica Holística, integrante da Gestalt-terapia, postula. A teoria salienta que, a chance do indivíduo se reinventar é o que impulsiona a determinação de vida do organismo. Vê que a autorrealização move o organismo e o torna pleno; o aceita como um sistema que pode ser organizado e procura analisá-lo, tendo em vista que o todo não pode se encontrar nas partes. Afirma também que para acompanhar um sintoma tem-se de entender a vida de quem o produz, já que o corpo não é formado apenas por órgão, é uma parte integrada de um sistema inteiro – ser no mundo, como já foi dito nos parágrafos anteriores (SILVA; GONTIJO, 2016).

A terapia dispõe-se a restabelecer o andamento da *awareness* para desempenhar a espontaneidade, isto é, ações movedoras, criadoras, encaminhadas para os contornos formados por meio da necessidade influente no campo, que deixam fluir o crescimento e o desenvolvimento de novos aspectos.

O objetivo é refazer o funcionamento pleno do sistema *self* de contatos, por meio das funções *id*, *ego* e personalidade. Diversos Gestalt-terapeutas, preparam-se para favorecer diretamente a *awareness* corporal, trabalhando com respiração, movimento, postura, procurando incluir esses elementos no lugar organizador do sistema *self* (RODRIGUEZ; BARBOSA, 2018).

É como corporeidade que me apreendo das precisões influentes no campo, sinto, agrupo-me e movimento-me para manejar a circunstância, retomando o equilíbrio e a conexão, assimilando a inovação. O corpo só brota como figura e como extensão separada quando não está conectado à situação, quando existe quebra do conjunto mente/corpo/mundo.

Nesse caso, o fluxo de *awareness* está impedido e o excitamento não tem como fluir em direção à figura de veemência. Quando o corpo no sentido fisiológico substitui a espontaneidade motora oferecida no sistema *self* de contatos, está estabelecida a circunstância neurótica, tal como delibera a Gestalt-terapia (VERÍSSIMO, 2018).

A neurose é o descaminho das funções de *ego* para a fisiologia secundária, por meio de hábitos inacessíveis. Na perspectiva da fisiologia neurótica o *ego* do *self* ou atos corporais criativos são expressados pelo corpo por um enrijecimento e perda de contato, sensações e sentimentos, assim, neste funcionamento neurótico o corpo vai ocupando o movimento de ajustamento criativo entre figura e fundo, na intenção de resultar um processo de auto regulação do organismo e criação de respostas às

necessidades que surgem no campo pela recriação de uma história ameaçadora à unidade orgânica (BRANDÃO, 2017). O psicoterapeuta não deve compreender a automutilação em sua superficialidade ou no “espanto” e sim, mais que isso, deve compreender a questão subjetiva e singular do sujeito (SILVA; GONTIJO, 2016).

Silva e Gontijo (2016) expõem que a criança e sua família estão profundamente interligadas e os pais, com a história passada e vivida no campo familiar de gerações, executam uma intensa influência na formação da subjetividade e identidade da criança para o autor, a família é o Tu e o outro, o essencial. Quando algum integrante familiar é desprezado, excluído, violentado ou sofre alienação de experiências, seu potencial cognitivo é obstruído e um fragmento de sua personalidade é mutilada, deixando importantes *gestalten* abertas na identidade do ser e do convívio familiar. Para a Gestalt um conflito emocional não é apenas do indivíduo, ele é primogênito de um sistema de relações disfuncionais.

Antony e Almeida (2018) dizem que a criança, ao passar por um trauma, tem a unidade habituada corpo-mente rompida. O corpo, senciante e sede das sensações, passa a ser objeto receoso/impugnado/inconsistente e, para agasalhar o medo e a angústia que aterroriza, este ser “corta” o contato com a mente que é o refúgio dos pensamentos e imagens, dando origem às somatizações, sintomas de ordem cognitiva (como distração, perda de memória, esquecimentos, pensamento lentificado), também de ordem psicológica (como depressão, automutilação, catalepsia, fobias, ansiedades, idealizações obsessivas e compulsivas, transtornos alimentares etc.).

Problemas, ressaltando o parágrafo anterior, que não são resolvidos deixam uma Gestalt aberta, onde a necessidade primordial não atendida mantém-se no fundo, guardando energia emocional e mental, as quais efetuam pressão psíquica para a reconstrução do equilíbrio do organismo. Essa Gestalt, quando não é fechada de maneira satisfatória, leva o indivíduo a estar repetidamente em cenários semelhantes àquele que desencadeou o mal-estar, tendo como conclusão obter a desenvoltura do problema, utilizando o corpo como catalisador. Cria, além disso, rigidez mental e de comportamentos, sendo base do andamento transgeracional de conflitos, distúrbios, traumas e ao mesmo tempo subsídio que o sistema encontra para autorregular-se, para restaurar o funcionamento saudável (BRANDÃO, 2017).

O sintoma, para a Gestalt-terapia, tem a função de autorregulação para o indivíduo, é uma tentativa de equilíbrio baseada em que tipo de relação o sujeito veio construindo ao longo da existência; é necessário guiar-se sobre quais fatos dessas relações implicaram no processo de autorregulação orgânica; o que está presente na realidade intrafamiliar, que impede ou dificulta a construção e/ou escolha de novas formas de satisfação; quais exigências e restrições encontra-se no determinado contexto e que ocasiona agir de determinada forma para se autorregular etc. O sintoma do sujeito é geralmente a disfunção mais ampla do sistema familiar como um todo (REIS, 2016).

O gestaltista, guiado pelo olhar holístico da abordagem, deve colher a libertação da criança ou adolescente dos pesos e herança da família, para que não venham repetir a história de outros, para que não fiquem detidos nos dramas, traumas ancestrais e familiares, para que possam construir, criativamente, a própria história, com credibilidade em serem capazes de amar e serem amados por outrem.

Efetuar interferências com saberes sensório-corporais para liberar sensações, provocar emoções reprimidas e cativar a conexão mente-corpo, por meio, de recursos artísticos, jogos, mímicas e movimentos expressivos corporais, pode ser ferramentas terapêuticas e condutoras da terapia, quando utilizadas no momento certo (SILVA; GONTIJO, 2016).

2.2 METODOLOGIA

As bases de dados utilizadas foram: SciELO, EBOOKS, IGT – Instituto de Gestalt-terapia e Atendimento familiar, Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia (ITGT) e, PEPSIC. Optou-se por tais bases de dados por contemplar quantidade de publicações na área da psicologia, assim como, informações relacionadas sobre o ser no mundo e o recinto criativo da corporeidade na Gestalt-terapia. Os subsequentes descritores foram utilizados durante a investigação: Corporeidade; fisiologia neurótica, ajustamentos criativos; Gestalt-terapia

O presente trabalho objetiva, por meio da utilização de um estudo de caso, realizar uma análise do processo psicoterápico de uma adolescente vítima de violência desde a vida intrauterina e que não teve estimulação adequada ao desenvolvimento nos primeiros anos, aliados à hipótese de influências químicas utilizadas pela gestora e o ambiente não favorecedor para o desenvolvimento e maturação mental. Com isso, pretende-se contribuir com a literatura, oferecendo indícios de estratégias para a comunicação terapêutica com o indivíduo, auxiliando seu desenvolvimento, na noção de self-corpo e, no discernimento e tomada de decisões, diminuindo as consequências resultantes da violência sofrida durante toda a vida.

A paciente atendida em uma clínica escolar de psicologia em Aracaju-SE é do sexo feminino, tem 16 anos atualmente e será representada pela letra J. Para isso, serão utilizados dados colhidos no decorrer do atendimento psicológico realizado com a adolescente, bem como transcrições das sessões e registros das supervisões do caso. O atendimento foi efetuado em um serviço de clínica-universitária de psicologia de uma instituição particular de ensino. J foi atendida por uma estagiária do nono ano do curso de psicologia, sob responsabilidade e supervisão da supervisora/psicóloga do serviço.

As supervisões do caso foram realizadas uma vez por semana, a fim de discutir os acontecimentos de cada sessão realizada. As discussões eram avaliadas pela abordagem gestalt-terapia, que também fundamentará as reflexões no trabalho supracitado. Sendo assim, a análise de dados foi realizada por meio de uma análise qualitativa do conteúdo das sessões, procurando estabelecer uma união dos acontecimentos com a teoria norteadora. As transcrições das sessões e anotações das supervisões foram relidas a fim de aprofundar o conhecimento a respeito do caso, tendo possibilidade, assim, de construir o presente texto, articulando a teoria com a prática.

Com relação aos procedimentos éticos, para seguir as Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, a responsável pela adolescente atendida assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual autoriza a utilização dos dados obtidos ao longo do processo terapêutico para publicações científicas.

Além disso, há o uso de estratégias para preservação da identidade dos envolvidos, como a utilização de nomenclaturas e sigilo de algumas informações.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 RELATO DE CASO + ANÁLISE/DISCUSSÃO OU RESULTADOS

A paciente J foi encaminhada para atendimento por orientação psiquiátrica e já faz acompanhamento na clínica-universitária há 3 anos. Está sob cuidados da avó por medidas judiciais. Quando J iniciou as sessões terapêuticas no ano de 2019, possuía a púbere abaixo da média dos adolescentes da idade dela e, dificuldade de discernir e tomar decisões a partir do que lhe é dito. Também com dificuldades na recordação de fatos e eventos, a noção de corpo era bem primitiva, ou seja, não existia a noção do eu-corpo-mundo.

A violência ocorreu desde a vida intrauterina, com tentativa de aborto da mãe, uso de drogas durante a gestação e má higiene da recém-nascida, de forma que ela apresentou feridas no corpo pela falta de cuidado. Nessas condições, o sujeito acaba perdendo a confiança na própria memória, pensamento e senso de realidade, sendo que onde existe trauma, há dissociação de corpo-mente. A estrutura psíquica de sentir-pensar-agir para de funcionar de forma harmônica e coesa. Quando essa dissociação é vivida, há uma dessensibilização de uma parte do corpo, como tentativa de expulsar a dor sentida, desenvolvendo formas de mutilação em nome da sobrevivência psíquica (ANTONY; ALMEIDA, 2018).

Não conhece o pai e relatam a ela que está falecido. Quando a mãe, ex-presidiária, possuía a sua guarda, a violentava silenciosamente, verbalmente e fisicamente, J morava com dois irmãos mais novos. Segundo a avó de J, que aqui será chamada pelo nome fictício de Ana, também sofria violência pela filha e presenciar todos os acontecimentos sofridos pela neta a fez ter a iniciativa de cuidá-la como filha [sic], sendo, posteriormente, encaminhada para atendimento psicológico. O atendimento psicoterápico foi norteado pela abordagem gestalt-terapia, fazendo uso da corporeidade, da espontaneidade na sessão, das experiências surgidas no aqui-agora, do ciclo de contato e ferramentas técnicas da gestalt-terapia.

Inicialmente, foi realizado um encontro com avó, Ana, a fim de que ela contasse sobre a história de vida da neta e de sua família, visto que a adolescente possui um desenvolvimento cognitivo prejudicado e é menor de idade. De maneira geral, ela se mostrou muito disposta a dar continuidade à terapia da neta, por acreditar que ele revive as violências sofridas, relatar que J desenvolveu hiperatividade e déficit de atenção e que isso a prejudicava. Ao ser explicado sobre a importância da terapia, Ana pareceu ainda mais disposta, e, ao mesmo tempo, preocupada com a automutilação da neta há 2 meses atrás, na tentativa de suicídio.

Na visão gestáltica e da corporeidade é importante observar a automutilação como um sintoma, uma tentativa de comunicação e desnudez do atual momento

que o ser vive entre a relação homem-mundo, ou seja, precisa levar em consideração que cada pessoa possui subjetividade e singularidade mergulhada em si, para que seja possível compreender o porquê e o que ocasiona a possibilidade de autolesão (SILVA; GONTIJO, 2016). Apesar dessa preocupação, a avó da adolescente relatou que a neta está bem ultimamente e que, anda sendo acompanhada por uma psiquiatra no Decós, hospital Universitário particular, desde a infância, sendo válido ressaltar que foi diagnosticada com Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH).

A avó e a própria paciente J, relataram que as violências psicológicas, físicas, silenciosas e verbais ocorriam com frequência, até hoje. Sob o olhar de Antony e Almeida (2018), ter passado por um trauma físico e psicológico acarreta questionamento do indivíduo em relação à capacidade que possui de defender-se. Esse ser aprende a odiar seu corpo, porque o faz lembrar de experiências aterrorizantes. Aprende que não pode controlar o que possui e que outra pessoa pode violentá-lo sem seu consentimento.

Com relação à história de vida da criança, a avó relatou que a neta era uma criança que não sorria, que possuía crises de choros frequentes, não tinha amigos e teve catalepsia patológica, ficando sem se movimentar muitos dias, embora o funcionamento dos sentidos e das funções vitais fossem difíceis de ser percebidos. Ela contou que J sempre ficava em desequilíbrio emocional e mental com a presença da mãe e que J já tentou se esconder várias vezes, às vezes, se isolando em um canto da casa de forma repentina.

De acordo com a visão da gestalt, o sujeito com a história de vida semelhante à paciente com muita violência em toda a fase da vida e com a fragmentação do eu-corpo-mundo, acaba perdendo a confiança na própria memória, pensamento e senso de realidade, sendo que onde existe trauma, há dissociação de corpo-mente (ANTONY; ALMEIDA, 2018).

Ao longo das sessões, a paciente optava por encontros, contato eu-tu-nós, diálogos, espontaneidade, experienciar o que surgia no aqui-agora e navegar no espaço terapêutico, além de sentir interesse nas fantasias dirigidas e metáforas (começou a deitar-se no chão nas últimas sessões). Foi experienciado que a técnica ou experimento precisa estar a favor do processo terapêutico do sujeito, para promover *awareness*, contato e fluidez no desenvolvimento da Gestalten. Quando isso ocorre os ajustamentos criativos são inevitáveis, já que a configuração é modificada assim como o terapeuta e o cliente. Desprevenidos, são surpreendidos. As técnicas, sendo utilizadas como exercício ou não, podem ser úteis. Mas, o mais importante potencial ocorre quando surge da situação presente, e, geralmente, passam despercebidas (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014).

Muitas vezes, a adolescente parecia estar desvitalizada, eu perguntava se era apenas uma impressão minha e que eu poderia estar enganada, ou, como elas estava se sentindo, informando a mim que não sabia. Ela desde o início apresentava-se com uma postura encurvada, olhando para o chão quando andava, pouco falava, olhava para o do *setting* na maior parte do tempo, sendo que o olhar parecia estar distante.

Comecei a fazer as intervenções com cautela, usando a corporeidade e as experiências para tentar desprendê-la do ciclo de contato e variar entre a fixação e a fluidez. Em algumas sessões optou por deitar-se na poltrona, que pareciam refletir o seu senti-

mento de ausência de energia, ocasionando intervenções a partir dessas experiências no aqui-agora para possibilitar a expressão corporal, não-verbal e, se possível verbal.

Aquilo é tido como mecanismo de defesa neurótico, o gestalt-terapeuta entende como formas de evitação de contato. A evitação de contato pode ser saudável ou doentia, depende da intensidade, flexibilidade, momento que é apresentada e, a oportunidade de ser utilizada (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014). Os relatos e comportamentos da paciente são primitivos, autoagressivos com o corpo, imaginários e pouco diversificados, tentando manter o contato eu-tu-nós de forma não-verbal como se tivesse o desejo de revivenciar estágios primitivos, como seu processo de nascimento, ou, o renascimento.

Esse ajustamento criativo disfuncional, pode representar na visão da gestalt-terapia que a adolescente quer reviver momentos importantes para sua vida para dar forma e ressignificá-los, dar uma nova história às experiências existentemente violentas, sendo necessário trabalhar o encontro com a corporeidade para a noção de eu-corpo-mundo e o surgimento destes ajustamentos criativos funcionais.

Quando a estrutura psíquica de sentir-pensar-agir, pertencente à paciente, para de funcionar de forma harmônica e coesa e essa dissociação é vivida, há uma dessensibilização de uma parte do corpo, como tentativa de expulsar a dor sentida, desenvolvendo formas de mutilação em nome da sobrevivência psíquica. É necessário que o terapeuta tenha em vista se o cliente quer continuar ou não o experimento emergente, onde ele possui energia mobilizada, que pode ser notada pelo corpo ou pela expressão verbal. A ação do terapeuta precisa tornar as resistências mais conscientes ou figuras, possibilitando o uso adaptado à situação do momento (ANTONY; ALMEIDA, 2018).

Ao longo de todo o processo psicoterápico notou-se também uma tentativa da adolescente em fazer o ajustamento de proflexão (união de projeção e retroflexão), que consiste em fazer ao outro aquilo que ela gostaria que fizesse nela. Isso é dito tanto pelas iniciativas da adolescente em acariciar meu rosto e a minha mão como também pelo fato de mexer no meu cabelo, representando a ausência do ser afetado e respectivamente a ausência de uma figura feminina como expiração misturada com a sexualidade da puberdade.

O objetivo da psicoterapia com o viés gestáltico foi, antes de tudo, o surgimento da awareness. As obstruções no processo de formação de figura-fundo são superadas, possibilitando o reestabelecimento dos ajustamentos criativos pelos quais a autorregulação organísmica se atualiza, buscando explorar uma das funções de contato (visão, paladar, tato, olfato, audição), como é a postura, os movimentos corpóreos e a respiração do sujeito etc.

Os experimentos são formados à medida que uma figura emerge na situação terapêutica, sendo conduzidos por meio do que sucede, sem possuir um fim específico e podendo incluir algumas das intervenções técnicas da gestalt (AMARAL, 2018). Refletindo sobre como a relação terapêutica acontece, é possível compreender quais são os métodos utilizados pela adolescente para interagir e estabelecer um contato. Pode-se também ressaltar como eu me sentia ao longo de algumas sessões, já que, de acordo com a abordagem descrita, o terapeuta precisa afetar e ser afetado, acreditando que há energias trocadas em um campo pois também a gestalt faz uso da terapia sistêmica.

Algumas vezes, eu saí desmotivada e com a postura encurvada da sessão, o que parece ser como J se percebia e refletia, como alguém desmotivada fisicamente e psicologicamente para cuidar de si. Também é importante informar que a paciente faz uso de duas formas de comunicação terapêutica, que é por meio da comunicação verbal pelos movimentos/atos corpóreos. Com relação à comunicação verbal, a adolescente possui relatos fragmentados, manifestando as dificuldades e necessidades em alguns aspectos da vida enquanto me mantém em contato com a história que possui e com as intervenções necessárias.

No decorrer das sessões, a paciente começou a relatar sobre os meninos da escola, relatos estes imaginários e frutos da sexualidade, inclusive sobre gravidez, indicando uma alusão ao desejo de contato com a libido e o seu corpo, até mesmo para entrar com a vida intrauterina e toda a ausência do cuidado materno e paterno. Tendo em vista que é papel do terapeuta eleger onde e quando interromper um experimento, foi respeitada a noção de "oportunidade", ou seja, se a ocasião para intervir é oportuna ou se seria exagerada e de difícil assimilação. No início houve dificuldades, mas depois tudo fluiu (RODRIGUEZ; BARBOSA; FERNANDES, 2016).

Então, a visceralidade das emoções experimentadas pode representar o momento oportuno para interromper um experimento. Estar não era apenas uma experiência de sobrevivência: a rota começou a ter um sentido conscientizado e por ela criado. A paciente começou a experimentar o prazer e alegria em navegar, conseguindo ancorar e repousar na areia da praia e tendo outros barcos como companhia (VANASSI, 2017).

No decorrer das sessões, a paciente começou a apresentar autonomia para abrir a porta da sala de atendimento à minha frente, uma postura ereta ao sair da terapia depois que foi trabalhada em todos os finais de sessões a noção de corpo, como ela estava no momento, como estava se sentindo daquela forma encurvada ao entrar/sair da sessão, até que um determinado dia ela começou a efetuar o movimento de postura e cabeça erguida sem a necessidade de ser enfatizada essa questão.

Além do que foi supracitada, J começou a apresentar noção de espaço e corpo, navegando na sala ao deitar-se no chão espontaneamente. Diminuiu a tricotilomania e a automutilação em mexer nas feridas, deixando que elas cicatrizem. Esse momento da psicoterapia, que foi/ é lento para casos semelhantes, reflete que existe nela a capacidade de perceber o potencial que tem para ressignificar o que for para ser ressignificado e avançar no seu desenvolvimento.

Ao longo desse processo terapêutico a adolescente mostrou-se diferente e mais viva, tomando iniciativas de vender alimentos para ajudar a avó e rifas para fazer o aniversário de 17 anos, lavar sozinha o próprio cabelo e pegar o ônibus da escola sozinha, sendo válido ressaltar que foi trabalhada também a relação existente entre a autonomia, cuidar do outro e cuidar de si.

Foi possível perceber que J conseguiu lentamente progredir, podendo aderir a criatividade, a ressignificação, a autonomia, a espontaneidade e a possibilidade de uma adolescente. A continuidade da psicoterapia faz-se muito necessária para que ela consiga obter contínuos ganhos. Ela está se apropriando da sabedoria ofertada por seu sofrimento, reconhecendo por meio da corporeidade a precocidade das per-

das, a ausência dos cuidados emocionais dos pais, a falta de referência para lidar com obstáculos e demandas da adolescência, da vida adulta e a solidão. No processo de reconhecer a menina-náufraga que a habita, por enquanto.

A relação terapêutica se configurou durante 11 sessões como a construção de um cais onde o barco pudesse ancorar. Quando o vento vem, é possível reencontrar as pessoas amadas, fazer amigos, sonhar, imaginar. E acima de tudo é possível repousar. Voltar ao início, ao chão, virar semente para depois florir, se possível mudar o formato e o movimento direcionado ao sol.

Ela me ensinou que, só é possível iniciar o caminhar quem está sendo guiada pela luz de uma estrela à procura de um pedaço de qualquer lugar saudável e que, há fluidez quando no afetar e ser afetado caminha no ciclo de contato, quando o sujeito se expõe por inteiro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo almejou obter um estudo de caso, baseado em uma pesquisa empírica qualitativa de literatura acerca da temática - Ser no mundo: O recinto criativo da corporeidade na Gestalt-terapia. Sendo válido considerar perspectivas alternativas e apresentar evidências suficientes. Foram componentes do caso clínico: a história, os sintomas, a evolução, os resultados e as consequências deles. Acredita-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, por conseguir por meio da análise do andamento terapêutico compreender e relacionar as publicações em meio aos diferentes períodos, localidades e situações que possuem, obtendo desse modo uma visão ampliada do que foi discutido e dos resultados obtidos.

Como diz Carlos Drummond de Andrade (1987), é hora de recomeçar tudo de novo, sem ilusão e sem pressa, mas com a teimosia do inseto que busca um caminho no terremoto. A Gestalt acredita que o sujeito sempre está em relação com o ambiente, construindo a existência e, existência é contato, uma correnteza temporal e sem interrupções baseada nas experiências do ser-no-mundo na sua singular espontaneidade expressa corporalmente, por meio de uma expressão facial, um gesto das mãos, um carinho, um olhar, uma palavra dita ou suspensa, um silêncio profundo (OLIVEIRA, 2016).

Experiência desperta cinesia e expressões corporais que formam o campo. Este campo, ou seja, o mundo que percebemos, ultrapassa a dimensão física, é também dimensão vital e humana onde somos capazes de criar, repartir, comunicar sensibilidades e querer, construindo a sociabilização e a cultura.

O campo une tudo isto em uma experiência perceptiva (OLIVARES; CAMARGO; PIMENTEL, 2017). A subjetividade humana essencialmente se expressa por meio do corpo: vejo, ouço, me comunico, sorrio dispondo o rosto de certa forma ou fazendo tal expressão e assim por diante (BRANDÃO, 2017).

Com base em todo o corpo teórico, a história da paciente e os resultados do *setting* terapêutico, não haveria condições de J contestar subjetivamente ao mundo

se não tivesse corpo e não existiria possibilidade de se expressar se não tivesse um corpo caracteristicamente humano. Tanto se aprende a observar com profundidade por meio do contato corpo-mundo, como aprende-se do próprio mundo a partir deste contato com ele. Merleau-Ponty costuma trazer nas teses a questão do “olhar com os olhos de ver”, modificar-se a história daquilo que é consciência em uma espontânea dialética (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014). Nos tornamos seres, necessariamente, de relação do mundo e para o mundo (RIBEIRO, 2016).

Conclui-se que, a experiência durada e sentida pela paciente J causa agitações e gestos corporais que anunciam, em formas, o sentido em desenvolvimento no campo. A corporeidade utilizada se improvisou no movimento, em influência mútua com o mundo e o outro, na vida, na sociedade.

Foi por meio da corporeidade que ocorreu a invenção e remanejamento do sentido de si mesmo e do mundo, do *selfing*. A experiência da fronteira de contato convocou a mesma para o fluxo criador de novas maneiras de se perceber, de externar energias ao estabelecer o contato, reviver emoções, ressignificar o mundo e a história.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Henrique UVA do. **Corpo e transicionalidade**: uma possibilidade de encontro entre Winnicott e Merleau-Ponty. 2018. 268p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANTONY, Sheila; ALMEIDA, Ediléia Menezes. Crianças vítimas de violência sexual intrafamiliar – uma abordagem gestáltica. **Revista Nufen- Phenom Interd**, v. 10, n. 2, p. 184-201, maio-ago. 2018.

FRAZÃO, Lilian; FUKUMITSU, Karina. **Gestalt- terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014.

FRAZÃO, Lilian; FUKUMITSU, Karina. **Modalidades de intervenção clínica em gestalt- terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2016.

LAVRATTI, Cintia Brandão. **Semeando a gestalt terapia – experiências clínicas no contexto amazônico**. V. 9, n. 1, Belém: ed. Paka Tatu, 2017.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

OLIVARES, Aide Esmeralda López; CAMARGO, Giselle Guillhon Antunes; PIMENTEL, Adelmá do Socorro Gonçalves. Arte e saúde: performance como intervenção terapêutica. **Rev. Nufen: Phenon. Interd**, v. 9, n. 3, p. 78-92, dez. 2017.

OLIVEIRA, Marcella Albo de. **A experiência das psicoses: um olhar teórico- clínico da Gestalt-Terapia.** 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2015.

PEREIRA, Sandra Isabel Costa. **O lugar do corpo na prática clínica do psicólogo.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade de Évora, Portugal, 2018.

REIS, Carlos Eduardo Soares. Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. **Revista IGT na Rede**, v. 15, n. 29, p. 131-146, 2018. ISSN: 1807-2526. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>.

RODRÍGUEZ, M. P. Chaves; BARBOSA, M.; FERNANDES, J. **La vitalidad y la vejez.** IGT na Rede, 2016.

SILVA, Thalita Rodrigues; GONTIJO, Cristina Silva. A família e o desenvolvimento infantil sob a ótica da Gestalt terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 13, n. 24, p. 15-36, 2016.

VANASSI, Fernanda Brockmann; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Do Eu-pele ao corpo próprio: corporeidade e subjetividade em Anzieu e Merleau-Ponty.** 2017. 125p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Data do recebimento: 6 de setembro de 2019

Data da avaliação: 9 de outubro de 2019

Data de aceite: 9 de outubro de 2019

1 Acadêmica de Psicologia, Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: nivinhatorresneves@gmail.com